

quer política para quem não viveu milagre

32 □ 1º caderno □ domingo, 19/6/83

Rischbieter

Graça Monteiro

— O Brasil está vivendo uma crise conjuntural que nos apavora. E, neste pavor do dia-a-dia talvez estejamos esquecendo que a crise tem sua origem na estrutura. É preciso criar urgentemente duas políticas: uma econômica, para o setor moderno, e uma social, para o setor não moderno. Eu chamo de setor não moderno os 40 milhões de brasileiros que ficaram de fora do nosso modelo durante esse tempo do "milagre".

O alerta é do ex-Ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, que, além de propor a formulação de uma política econômica voltada para a realidade do país, criticou o Governo por ele se preocupar em tomar providências "paliativas", como o pacote econômico, que no seu entender "arranha apenas os problemas brasileiros mais imediatos, sem discutir se essas são ou não as melhores soluções".

— Creio mesmo que no Brasil, por melhor que seja uma linha política, ela não pode ser mais imposta. Tem que haver um amplo debate com a participação de economistas como o Simonsen, Bulhões, Roberto Campos e outros que pensam diferente, políticos e representantes dos segmentos da sociedade. Sei que consenso é utopia, mas é preciso tentar se quisermos que a sociedade entenda, participe, aceite e se empenhe em executar qualquer mudança — ressalta Rischbieter.

Mudanças

Hoje presidente do Conselho de Administração da Volvo do Brasil—Motores e Veículos S. A., o engenheiro Karlos Rischbieter entrou no serviço público em 1962 como presidente da Companhia de Desenvolvimento do Paraná, depois, de março de 1974 a 16 de janeiro de 1980, exerceu a presidência da Caixa Econômica, Banco do Brasil e terminou como Ministro da Fazenda se incompatibilizando e pedindo demissão do cargo.

Sempre crítico e, sobretudo, autocrítico, como diz ele, Rischbieter acha que o modelo econômico brasileiro vai mudar por esgotamento. "O nosso modelo é um modelo que seguiu o dos países industrializados. A mola mestra é o tripé: capital, incentivo e tecnologia, a mais avançada possível, com o mínimo de mão-de-obra."

— Se este modelo não está dando certo nos países que ele se originou, e isso parece bem claro hoje. Eu não sei como se pode acreditar, que a simples retomada do desenvolvimento resolva os problemas. Eu acho que nós temos problemas muito mais sérios na economia mundial. No Brasil, então, não há nenhuma chance desse modelo sobreviver. Porque nós não temos capital, temos mão-de-obra em excesso e, com uma série de deficiências estruturais que são comuns aos países em desenvolvimento — explicou Rischbieter.

Para o ex-Ministro, a mudança do modelo econômico vai acontecer "alheia até mesmo à vontade de governantes e governados." Ela está atrelada à mudança política do país e o que resta "é mudá-lo inteligentemente. Ampliando a política financeira, a tributária. Criando uma política realista de emprego, modificando a estrutura político-industrial

levando-se em consideração as industriais tradicionais. E, avançar na política agrária no sentido de intensificar a agricultura."

Rischbieter, entretanto, admite que ao mesmo tempo em que é necessária a formulação de uma política econômica e social, existem problemas a curto prazo, que "sem solucioná-los tornou-se quase impossível qualquer programa". Ele é de opinião que a dívida do país é um problema de solução urgente. No seu entender, se "o Brasil quiser fazer parte da comunidade internacional não pode dar o calote."

— O drama é que por causa dessa dívida estamos hoje todos angustiados. Em conversa recente com um grande empresário japonês, lhe perguntei que solução ele sugeria para a crise brasileira. E, ele, repetiu várias vezes: mercado interno, mercado interno — conta Rischbieter.

O que queremos?

Diante da dívida, da recessão, do desemprego, tudo misturado a um processo de abertura política o ex-Ministro compreende que "é difícil para o Governo achar um caminho. E qualquer que seja este caminho é imprescindível que surja de uma ampla discussão."

— Na minha opinião — diz ele — voltar a economia para o mercado interno, como fez o Japão, é uma solução a ser debatida. Esta é a linha do Hélio Beltrão. Assim como algum tempo atrás eu li um artigo do professor Gudin em que ele afirmava que se o Governo dedicasse apenas 3% do Produto Interno Bruto—PIB (só o déficit público representa 16,9% do PIB) para a questão social, resolveria o problema de alimentação, saúde e habitação para todos os brasileiros carentes."

Mas, para isso, seria necessária uma grande revisão do sistema financeiro e tributário. Saber se esses sistemas são adequados ou não. Estabelecer princípios se é mais conveniente ao país poupança a curto ou longo prazo. Para o ex-Ministro e a poupança a curto prazo não deve ser beneficiado assim como a remuneração do **open market** devia ser apenas a correção monetária.

Ele lembra ainda que entre outras medidas urgentes para o país o incentivo à produtividade produtiva é imprescindível. Ao se colocar de acordo com o professor Bulhões, Rischbieter afirma que "as empresas brasileiras estão sem nenhuma previsão de se capitalizar adequadamente, com os instrumentos que estão aí. As microempresas principalmente, que se participaram do processo de discussão, estarão motivadas naturalmente a se expandir."

Ao lembrar sempre que cerca de 40 milhões de brasileiros estão inteiramente alijados pelo modelo econômico vigente, Rischbieter reconhece que "mudar não é tão simples. Temos que continuar exportando e, cada vez mais e melhor. Mas, sem com isso iniciar a construção do Brasil voltado para seus problemas internos. Sem isso, nós caminharíamos para soluções parciais. Mais sofrimentos. Mais incertezas e angústias sem ter uma solução à vista — concluiu o ex-Ministro.